

## A GEOPOLÍTICA DA CRISE: CRISE ECONÔMICA E AS MUDANÇAS NO ESPAÇO MUNDIAL

**Fernando dos Santos Sampaio**

Doutor em geografia humana pela Universidade de São Paulo

**Marlon Clovis Medeiros**

Doutor em geografia humana pela Universidade de São Paulo

Professores do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus Francisco Beltrão-PR, Brasil.

O ano de 2008 marcou os debates acadêmicos e jornalísticos como a ocorrência da maior crise econômica ocorrida no mundo desde 1929. O estouro da bolha imobiliária norte-americana e a expansão da crise para o restante do mundo pela comercialização dos “papéis tóxicos” subprime bem como a contração do mercado norte-americano e europeu colocaram a atual crise como um problema que atinge todo o globo e não apenas o seu epicentro.

Algumas explicações buscam mostrar a crise como uma anomalia dentro do sistema capitalista, seja por uma falta de regulamentação da circulação de títulos financeiros que circulam o mundo (como em geral as correntes keynesianas analisam), sejam pelo excesso de ações estatais que impedem a ação do livre mercado, levando assim à crise (como as correntes neoliberais apregoam)<sup>1</sup>.

O presente trabalho buscando outra matriz explicativa, toma como pressuposto a existência de um mecanismo cíclico do processo de acumulação capitalista e que, portanto, as crises não são anomalias, mas parte componente, intrínseca e inseparável do próprio mecanismo de acumulação<sup>2</sup>. Conhecido o mecanismo das crises os Estados centrais buscam estratégias para que seja possível a saída da crise e o início de um novo processo de crescimento. A volta do crescimento, no entanto, nem sempre se dá nas nações até então hegemônicas o que faz com que tais estratégias tenham o seu componente econômico (ou geoeconômico), ao mesmo tempo que também se manifesta do ponto de vista geopolítico, buscando manter sua hegemonia no sistema capitalista mundial. Assim, discute-se os três aspectos centrais para o entendimento das características geopolíticas da crise: a financeirização, a questão tecnológica e as ações geopolíticas.

### 1. A financeirização e o longo processo da crise

A explicação da crise econômica internacional atual, não deve ser buscada isoladamente no mercado imobiliário e acionário dos Estados Unidos em 2008. A crise é consequência de um longo processo de reestruturação econômica em resposta à fase b do 4º ciclo de Kondratieff, marcado pela crise do petróleo de 1973. As baixas taxas de crescimento dos setores produtivos nos países avançados e a redução destas como parcela do PIB desde a década de 1960 levaram ao paulatino crescimento do setor de serviços e da esfera financeira. Como estratégia da retomada hegemônica dos EUA impôs-se uma série de medidas financeiras ao resto do mundo, rompendo com o pacto de Breton Woods e levando a uma desregulamentação financeira iniciada nos anos 1980 e radicalizada nos 1990.

Na década de 1990 o processo avança aceleradamente. A interligação eletrônica de bolsas e dos mercados financeiros, os mercados de futuros, o crescimento dos fundos de investimentos, as novas formas de contabilidade e distribuição dos lucros baseados em expectativas futuras, levaram ao crescimento sem precedentes da financeirização e seu descolamento dos setores

---

<sup>1</sup> Uma série de livros foram publicados tratando sobre a crise de 2008, não se pretende neste momento fazer uma revisão exaustiva de bibliografia, mas algumas obras em que se baseou para as informações sobre o tema no presente trabalho são: BELUZZO, 2009; KRUGMAN, 2009; NAPOLEONI, 2010; REINHART e ROGOFF, 2010; STIGLITZ, 2010; DIEGO, 2010; MÉSZÁROS, 2011; ZIZEK, 2011; HARVEY, 2012; e KRUGMAN, 2014.

<sup>2</sup> Entre outras obras, nos baseamos em RANGEL, 2005 e MAMIGONIAN, 2005.

produtivos. Tradicionalmente, os investimentos financeiros lucravam com os setores produtivos nos quais investiam, agora, os setores produtivos só lucram com as maquinações financeiras tal qual Lenin apontou um século atrás.

Como consequência a esfera financeira se tornou muito maior que o setor real- vide mercado de divisas nas bolsas de futuros. Os investimentos produtivos representam hoje pequena parcela dos investimentos totais nos países desenvolvidos. Com isso, mesmo se ocorrerem grandes blocos de investimentos em ativos físicos, serão movimentados pequenos volumes financeiros.

Nos países desenvolvidos, o pólo de poupança é muito maior que o pólo de investimentos. Na verdade, os países mais ricos conseguiram drenar a poupança formada em países emergentes para consumi-la de forma improdutivo: cobrir déficits em transações correntes e na balança comercial; financiar o consumo a juros baixos; manter as taxas de lucro dos monopólios e os subsídios aos seus setores produtivos estagnados.

Para o desejado funcionamento deste mecanismo era necessário que houvesse uma abertura econômica a nível mundial, já que no pós II Guerra foi comum aos países manterem um certo protecionismo de mercado e economias relativamente fechadas. A vitória norte-americana na Guerra Fria e o fim da URSS possibilitou uma ação mais agressiva por parte dos EUA para expandir suas áreas de interesse, seja por meio do *soft power*<sup>3</sup> (ação por meio das ideologias sociais, culturais, ONGs, “jornalismo econômico” pago, financiamento de grupos opositores etc.) ou mesmo do *hard power* (as invasões propriamente ditas, como as ocorridas no Oriente Médio e Iugoslávia nos anos 1990). A ideologia da globalização “naturalizou” a expansão das políticas neoliberais para os países periféricos, possibilitando a compra de ativos por meio de uma forte internacionalização de empresas industriais privadas ou estatais e o próprio mecanismo da desregulamentação que possibilitou a entrada no processo de financeirização mundial.

A evolução dos mecanismos financeiros de alavancagem e reprodução de moeda levou a que não haja problemas para **geração de recursos** para investimentos. O problema está nas **oportunidades** de investimentos a taxas de retorno compatíveis com os volumes financeiros. Isto levou a ocorrência de sucessivas bolhas na década de 1990 nos países subdesenvolvidos (Brasil, México, Rússia, Argentina, Tailândia, entre outros). Em seguida ocorre a bolha das empresas de internet, chamadas de “nova economia”. Investimentos começam a migrar para ativos reais, especialmente commodities minerais, energéticas e alimentos (ferro e aço, petróleo, gás, soja, milho etc). Isto impõe a dinâmica financeira dos mercados futuros sobre commodities tradicionais. Ocorre inflação de expectativa e de preços.

A estratégia de crescimento pela via financeira<sup>4</sup> baseado em crescentes déficits cobertos via endividamento, emissões de títulos da dívida pública, e especulação financeira se revelou insustentável e exige uma mudança estrutural profunda e uma nova **destruição criadora** que possa mobilizar grandes blocos de investimentos, gerar empregos e mudar a matriz energética e econômica, ainda da II revolução industrial.

Este quadro teve como resultado:

1. Bolhas cada vez mais constantes e intensas;
2. Crescentes déficits comerciais e endividamento externo dos países desenvolvidos;
3. Maior acumulação de reservas em países emergentes com alto nível de industrialização (China, Coreia do Sul), e em países ricos em recursos naturais (Brasil, Rússia, Venezuela, países do Oriente Médio).

Assim as características de “maturidade econômica” dos países desenvolvidos revelaram-se uma armadilha. A Alemanha parece não ter sentido tanto a crise porque justamente mantém um setor industrial como parte importante de sua economia. As medidas tomadas tanto pelos EUA quanto pela União Europeia só recriam as condições do problema.

## 2. A questão tecnológica e a longa crise

<sup>3</sup> Para maiores detalhes de tais políticas ver MONIZ BANDEIRA, 2013; PERKINS, 2005 e KLEIN, 2008.

<sup>4</sup> Sobre a financeirização ver CHESNAIS, 2005; DICKEN, 2010 e LENIN, 2011.

O desenvolvimento tecnológico dos setores de bens de capital, de eletrônica digital, química e farmacêutica não mais viabilizou retornos crescentes aos grandes volumes de capital financeiro à procura de oportunidades de investimentos. Além disso, os avanços tecnológicos propiciaram economia de capital (como ensinou Marx<sup>5</sup>), e não maior volume de investimentos aplicados. Logo, num contexto de baixo crescimento produtivo, **a economia de capital é recessiva**. O desenvolvimento tecnológico que deveria poupar os recursos naturais e energéticos, pouco avançou, enquanto os recursos financeiros abundantes não conseguem aplicações lucrativas duradouras.

Os monopólios retardaram a busca de tecnologias revolucionárias de fundo e impulsionaram inovações no “topo” como telecomunicações, eletrônica digital, química fina, processos industriais e automação, medicina e biotecnologia. O lento desenvolvimento de novos materiais que economizariam matérias-primas e a estagnação da inovação em **energias revolucionárias para produção e transporte** retardam uma III revolução industrial. A última grande inovação nos transportes foi a aviação de grande capacidade de carga e de longas distâncias, que data da II Guerra Mundial. A energia nuclear se mostrou muito cara e perigosa.

A II guerra mundial originou uma destruição criadora que possibilitou a extensão do padrão tecnológico da II revolução industrial, com inúmeras inovações importantes, mas sobre as mesmas bases energéticas. Desde a crise do petróleo, as taxas de lucro dos setores produtivos se demonstraram inferiores ao setor financeiro, desestimulando grandes blocos de inovações radicais.

Atualmente a busca de fontes de energia limpas e renováveis e a adoção de métodos menos poluentes na produção tem se mostrado como uma possibilidade de retomada do crescimento por via das inovações. Em geral a “preocupação ecológica” é ainda muito embrionária do ponto de vista produtivo, mas tem ganhado adeptos nos países desenvolvidos.

### 3. As consequências geopolíticas da crise

A crise tem várias consequências espaciais importantes, especialmente visto que ela se expande a partir dos países centrais do capitalismo, e atinge diferentemente o restante do mundo.

Em períodos de crise as grandes potências aumentam os conflitos entre si e a agressividade contra os países menores. No contexto de falta de novos campos de investimentos lucrativos e de baixo dinamismo tecnológico ocorre a tentativa de saída conservadora da crise.

Após 2001 ocorre mudança na geopolítica<sup>6</sup> mundial, com o início da crise nos EUA, os atentados de *11 de Setembro*, a invasão do Afeganistão e do Iraque pelos Estados Unidos e seus aliados. Estes fatos abalam a hegemonia norte-americana que vinha desde o fim da URSS. O sucesso da União Europeia leva a que os interesses europeus se distanciem dos EUA, com exceção da Inglaterra.

Assim, a Alemanha, principal potência da UE retira o apoio à guerra no Iraque após a crise econômica. A crise agrava disputas internas na UE, como França X Alemanha.

O governo conservador de Sarkozy na França reacende questões expansionistas e de hegemonia militar internacional. Aprofundamento da crise e aumento dos custos da importação de energia fez soar o alarme na Europa: **necessidade de retomar a influência política internacional**. Em 2009 a UE aprova nova adesão a OTAN com liderança da França. Em 2011 as crises políticas no norte da África deram a oportunidade para tomar ações mais extremas, como o bombardeio da Líbia liderado pela França.

Isto se situa numa questão geopolítica central: a disputa das potências mundiais por áreas de influência para exploração de energia e produção alimentar no contexto da crise mundial. A Europa sente perda de influência geopolítica que se aprofunda com crise econômica. Assim a crise política do Norte da África, que ficou popularmente conhecida como “Primavera Árabe”, se

<sup>5</sup> Apesar da discussão sobre tecnologia aparecer em diversas de suas obras aqui indicamos MARX, 1985.

<sup>6</sup> Entre os textos utilizados para tratar da questão geopolítica estão: ARRIGHI, 2008; BONIFACE e VENDRINE, 2009; MAMIGONIAN, 2002; SANTOS, 2003; FIORI, 2007; FONTANA, 2011; CAMPOLINA, e DINIZ, 2014 e MONIZ BANDEIRA, 2013.

configurou em oportunidade de retomar o controle de sua tradicional área de influência. Países europeus sempre mantiveram influência econômica indireta sobre as ex-colônias africanas: compra de petróleo, ouro, diamantes, etc, venda de armas aos governos nativos, assessorias e empréstimos a governos etc. Há intensa migração de norte-africanos para a Europa, especialmente França, Espanha e Itália.

Outras regiões já estão fora de seu alcance: O Oriente Médio permanece área de influência dos Estados Unidos; a Ásia Central é disputada por Rússia, China e Estados Unidos; A América Latina é uma área independente na qual Estados Unidos tenta se impor; o Irã permanece independente, mas com boas relações com a China.

No caso latino americano o início dos anos 2000 foram marcados pela emergência de novos governos que buscavam defender os interesses nacionais. O fracasso das políticas neoliberais na região levou ao governo políticos com um viés nacionalista e com tendências à esquerda. Os casos mais marcante foram o da Venezuela com Hugo Chavez e da Bolívia com Evo Morales, que levaram adiante uma política de re-nacionalização das empresas de petróleo e gás. Também houve governos progressistas nos governos do Paraguai, Equador, Peru, Brasil, Argentina e Chile. As estratégias americanas na região tornaram-se mais intensas nos meados da década de 2010, incentivando grupos opositores ou mesmo “golpes constitucionais” como o ocorrido no Paraguai e o que vem ocorrendo no Brasil.

Do ponto de vista geopolítico e geoeconômico o crescimento econômico chinês e o ressurgimento da Rússia como potência trouxeram alguns problemas extras para a tentativa de retomada da hegemonia por parte dos EUA.

O crescimento da China levou ao aumento do consumo de combustíveis, minerais e aço, acirrando a disputa pela influência sobre os países produtores (Venezuela, Irã, países africanos, Ásia Central). O aumento dos preços e do consumo mundial de petróleo na primeira década do século XXI aumentou a incerteza sobre o domínio destas fontes. No mesmo período, o retorno da Rússia como potência aumenta disputas na Ásia Central. As ações da China na África e a aproximação com países latino-americanos por meio de investimentos ou acordos em blocos (como o dos BRICS) mostram uma disputa de influências com os EUA em “seu próprio quintal”. No caso da Europa e Ásia Central a Rússia se mostrou bastante resistente à expansão dos interesses da OTAN na região, levando adiante ações bélicas no Cáucaso e na Ucrânia.

Novas tecnologias de extração de petróleo e gás e os investimentos em fontes energéticas alternativas, além do controle americano de boa parte da produção petrolífera do Oriente Médio, possibilitou uma vertiginosa queda do preço do petróleo em meados dos anos 2010, o que enfraqueceu a Rússia, a Venezuela e o Irã.

A ação geopolítica estadunidense para a saída da crise já vem ocorrendo em diversas áreas do globo. Os conflitos decorrentes da necessidade de mudança já vem se manifestando:

a) **No interior dos países desenvolvidos:** ocorrem disputas pelo controle da política econômica e pela tensão entre gastos sociais e proteção das grandes fortunas. Grandes manifestações vem ocorrendo e crescendo em diversos países (Inglaterra, França, Espanha, Itália, Grécia), desembocando em conflitos violentos, distúrbios, saques, violenta repressão policial.

b) **No plano internacional:** ocorre crescente tensão e disputa nos órgãos multilaterais (FMI, ONU, Banco Mundial, blocos regionais) e acordos comerciais entre países emergentes e países desenvolvidos. Os países emergentes reivindicam espaço de decisão compatível com seu crescimento econômico na última década. Países desenvolvidos reativam imperialismo “à moda antiga” sobre países pequenos com recursos energéticos e minerais (Irã, Líbia, Ucrânia, Síria, Venezuela).

c) **Na União Europeia:** crescem as disputas entre os países membros. Divergências quanto à ajuda aos países em crise, e quanto ao controle do parlamento e do Banco Central Europeu. A França luta para manter a diretoria do FMI e para ampliar seu papel militar internacional. O crescimento alemão reascende ciúmes franceses. União Europeia busca fortalecer identidade própria e afastar seus interesses da liderança dos EUA. Os conflitos do Oriente Médio trazem o problema dos refugiados e um grande fluxo

migratório para os países europeus, esse fato aumenta os problemas da xenofobia e do fortalecimento de grupos neonazistas nos países mais desenvolvidos da região.

d) **Nos Países emergentes:** ocorre aprofundamento dos laços políticos e comerciais entre si. Países com grandes territórios, recursos e população tem melhores condições de cuidar das exportações e do mercado interno ao mesmo tempo, e manter superávits comerciais, como China, Rússia, Brasil, Índia e até mesmo Argentina e África do Sul. No entanto a ação dos EUA em buscar acordos bilaterais e em desestabilizar os governos nacionalistas da região colocam em novo patamar as ações conjuntas que esses países tem condições de levar adiante.

Assim, o entendimento da crise enquanto momento de um ciclo não a coloca como um problema menor e momentâneo. As ações dos países centrais, no momento em especial a ação dos EUA, tem repercussão direta sobre os demais países do globo. São nos momentos de crise que as nações hegemônicas se tornam mais agressivas e belicistas e, portanto, não se pode deixar de lado as consequências geopolíticas das políticas de retomada de crescimento e manutenção do poder hegemônico. A noção de crise como mera anomalia dentro do sistema capitalista ou mesmo a ideia de uma crise final que porá fim ao capitalismo são pressupostos que não explicam a dimensão da crise atual e muitas vezes levam a debates com pouco sentido prático ou teórico.

## REFERÊNCIAS

ARRIGHI, Giovanni. Adam Smith em Pequim: Origens e Fundamentos do Século XXI. São Paulo: Boitempo, 2008.

BELUZZO, L. G. Os antecedentes da tormenta: origens da crise global. São Paulo:Ed. Unesp, 2009.

BONIFACE, P. e VENDRINE, H. Atlas do Mundo Global. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

CAMPOLINA, B. E DINIZ, C. C. Crise global, mudanças geopolíticas e inserção do Brasil. Revista de Economia Política, vol. 34, nº 4 (137), pp. 638-655, outubro-dezembro/2014

CHESNAIS, François. A Finança Mundializada. São Paulo: Boitempo, 2005.

DICKEN, Peter. Mudança Global: mapeando as novas fronteiras da economia mundial. Porto Alegre: Bookman, 5ª ed. 2010.

DIEGO, A. F. et al Las Crisis a lo largo de la historia. Valladolid:Universidad de Valladolid, 2010.

FIORI, J.L. O Poder Global e a Nova Geopolítica das Nações. São Paulo:Boitempo Editorial, 2007.

FONTANA, J. El futuro es un país extraño: reflexión sobre la crisis social de comienzos del siglo XXI. Barcelona:Pasado&Presente, 2011.

HARVEY, D. O Enigma do Capital e as crises do capitalismo. São Paulo:Boitempo, 2012.

KLEIN, N. A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre. Rio de Janeiro:Nova Fronteira, 2008.

KRUGMAN, P. A crise de 2008 e a economia da depressão. Rio de Janeiro:Campus, 2009.

KRUGMAN, Paul. ¡Acaba ya com esta crisis! Barcelona:Ediciones Crítica, 2014.

LENIN, Vladimir Ilitch. Imperialismo: Fase Superior do Capitalismo. Campinas: Unicamp, 2011.

MAMIGONIAN, A. Estudos de Geografia Econômica e de Pensamento Geográfico. Livre Docência: FFLCH-USP, 2005.

MAMIGONIAN, Armen. A Reconfiguração do Mundo e os Conflitos Atuais. In: XIII Encontro Nacional de Geógrafos, João Pessoa, 2002.

MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política. (Os Economistas - vol. I a V) São Paulo, Nova Cultural, 1985.

MÉSZÁROS, I. Uma crise estrutural necessita de mudança estrutural. Margem Esquerda, 17. nov/2011.

MONIZ BANDEIRA, L. A. A Segunda Guerra Fria: geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos – Das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

NAPOLEONI, L. La Mordaza: las verdaderas razones de la crisis mundial. Barcelona:Paidós, 2010.

PERKINS, John. Confissões de Um Assassino Econômico. São Paulo: Cultrix, 2005.

RANGEL, Ignácio. Obras Reunidas, volumes 1 e 2. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

REINHART, C.M. e ROGOFF, K.S. Oito séculos de delírios financeiros: desta vez é diferente. Rio de Janeiro:Elsevier, 2010.

SANTOS, T. Os Impasses da Globalização: hegemonia e contra hegemonia (vol. 1). Rio de Janeiro:Ed. PUC-Rio:2003.

STIGLITZ, Joseph. O Mundo em Queda Livre: os Estados Unidos, o mercado livre e o naufrágio da economia mundial. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ZIZEK, Slavoj. Primeiro como tragédia, depois como farsa. São Paulo:Boitempo, 2011.

Contatos:

Fernando dos Santos Sampaio – email: [fssampa@gmail.com](mailto:fssampa@gmail.com)

Marlon Clovis Medeiros – email: [marlonmedeiros@hotmail.com](mailto:marlonmedeiros@hotmail.com)